LITURGIA COMO COMUNICAÇÃO

Que a liturgia seja um fato comunicativo percebe-se logo: "liturgia" é palavra grega composta por "laòs" (= povo) e "ergon" (= obra) que significa "obra em favor do povo". Mas, quem é o comunicador? Na liturgia cristã existem dois níveis de comunicação. O primeiro e o mais importante é o divino, mas é o segundo, ou seja, o humano, que nos ajuda a perceber o primeiro e é o analisável. Às vezes pode acontecer que o nível humano se torne pouco transparente e, portanto, pouco comunicativo. O Concílio Vaticano II interveio sobre esse aspecto e "limpou" a ritualidade litúrgica, procurando torná-la mais significativa.

Uma comunicação de muitos códigos

A comunicação litúrgica é complexa e multicor. Do ponto de vista comunicativo tem analogias com a comunicação teatral. Também no âmbito litúrgico, de fato, há uma "condução" ritual dentro de um espaço arquitetônico decorado, assim como tem função significativa a luz, os objetos, os materiais, as roupas usadas. As pessoas que vivem a experiência litúrgica assumem ministerialidade e papéis diferentes e têm um diversificado "protagonismo". Também na ação litúrgica existem gestos e atitudes, verbalizações e sonoridades muito elaborados.

Tudo isso não é improvisado, mas é regulado, seja pelas rubricas que acompanham os ritos, seja pelos *Ordenamentos*, ou *Princípios e normas* (em latim o *Institutio generalis*) que precede cada rito sacramental.

Quando a ciência da comunicação (as semióticas) se aproxima do evento celebracional litúrgico, mesmo detendo-se no aspecto fenomênico, ou seja, àquilo que toca os nossos sentidos, sabe que para compreender melhor a celebração litúrgica deve existir a referência ao divinio, como dissemos acima.

A procissão de entrada

Tomemos um exemplo. No caso do *introito*, se diz: «Quando o povo está reunido, enquanto o sacerdote faz sua entrada com o diácono e os ministros, começa o canto de entrada». Portanto, explica-se as funções desse canto: «dar início à celebração, favorecer a união dos fiéis reunidos, introduzir o seu espírito no mistério do tempo litúrgico…, e acompanhar a procissão do sacerdote e dos ministros» (cf. *Ordinamento generale del Messale Romano*, nn. 47).

Se as palavras do *Ordinamento* forem analisadas com cuidado, muitos aspectos comunicacionais podem ser evidenciados. Há um contexto de assembleia exagerado no ingresso de algumas pessoas encarregadas, vestidas com roupas sacras, que procedem de acordo com uma ordem pré-estabelecida: «guia a procissão o incensador com o turíbulo fumegante, depois os ministros com as velas acesas e, no meio deles, o acólito que leva a cruz, os outros ministros e depois o diácono com o Evangeliário um pouco elevado e o sacerdote (cf. *Ordinamento*, nn. 120 e 172). As palavras e a melodia caracterizam, depois, o caminhar processional que dá uma "direção" e "orientação" à assembleia. Os códigos ativados são muitos e remetem à cada semiótica utilizada. Encontramos o código espacial (prossemica), o código gestual (cinesica), os códigos olfativos, icônico-visíveis, das roupas, a codificação sonora… É justamente o caminhar processional que faz com que a assembleia recorde o seu estar "a caminho" rumo à pátria celeste. A Cruz diz à comunidade que está vivendo o tempo da redenção e da Páscoa em Cristo, cuja cruz é elevada como guia e estandarte, mas também como modelo e quadro de referência para cada cristão enquanto Igreja. Junto à Cruz, o Evangelho significa a palavra vi-

vente que é Cristo e que acompanha a Igreja sem jamais abandoná-la. Palavra que será ouvida e que transformará a assembleia em Igreja missionária: anunciadora daquela Palavra com a própria vida unida no amor à de Cristo no sacramento do "corpo doado" e do "sangue derramado".

A celebração eucarística inicia, portanto, com um acúmulo de códigos que se reforçam entre si. E é justo que seja assim, porque o preâmbulo deve "arrastar" e encaminhar, portanto, deve ser potente e envolvente. Imaginemos um canto de entrada cantado só pela *schola cantorum* (ou, pior, gravado) e uma procissão curta, da sacristia ao altar, feita apenas pelo sacerdote "que faz tudo". É óbvio que a força comunicativa ritual é fortemente reduzida senão contraditória.

Chegamos às leituras, feitas rapidamente, com uma dicção incompreensível, uma pregação reduzida e malfeita, uma gestualidade repetitiva e distraída, um ritmo de celebração desarticulado ou que nivela tudo num único murmúrio pouco participativo… e teremos a morte da comunicação litúrgica.

Dos códigos às pessoas: o "cristão como sinal"

No desenrolar da celebração o espaço é carregado de significados simbólicos mais ou menos evidentes. Se alguns "lugares protagonistas" são facilmente identificáveis, como o altar, o ambão e o assento, e é bastante fácil perceber de imediato seu significado, nem sempre são significativos os outros lugares, como o batistério, a bacia do lavabo ou o cibório. Às vezes, a "devoção" tem feito brincadeiras de mau gosto e tem criado conflitos comunicativos, como quando o tabernáculo é colocado no mesmo nível do altar ou, às vezes, sobre o altar.

Tratando-se de comunicação complexa, é necessária uma iniciação. Para participar, em primeira pessoa, da comunicação litúrgica, é preciso conhecer o sentido daquilo que se faz. Muitas vezes as referências são a Bíblia e a tradição cristã (pensemos na codificação iconológica).

Mas há um aspecto que jamais deve ser esquecido. A comunicação litúrgica passa sempre através do primeiro sinal cristão que é o próprio cristão. Se é verdade que não são as paredes a fazer os cristãos, ou seja, não bastam as igrejas para fazer a Igreja, é também verdade que a comunicação litúrgica implica o cristão como primeiro sujeito comunicante, capaz de responder à comunicação salvífica de Deus com Cristo.

Carlo Cibien, ssp

Para aprofundar cf. C. Cibien., *Comunicazione e liturgia* in D. Sartore - A.M. Triacca - C. Cibien (a cura), *Liturgia. Dizionari San Paolo*, San Paolo, Cinisello Balsamo (MI) 2001, pp. 410-428.